

A história dos primeiros jardins de infância em Rio do Sul

Andréa Patrícia Probst Isotton*

Resumo: Este texto¹ tem como objetivo retratar a história dos primeiros jardins de infância em Rio do Sul, Santa Catarina, uma história até então inexistente no município. Ao mesmo tempo, uma questão subjacente, porém importante, vai se delineando – a religiosidade – já que os dois jardins de infância analisados pertenciam a colégios confessionais. O primeiro jardim de infância é estabelecido no ano de 1938 e fazia parte do Colégio Sagrado Coração de Jesus, sob a direção das irmãs salesianas. O segundo jardim de infância denominado Delminda Silveira de Souza, pertencia à Comunidade Evangélica Luterana e possui uma história muito interessante, tendo sido instalado dez anos mais tarde que o católico. O tempo de análise do trabalho compreende, portanto, desde o ano da fundação do primeiro jardim de infância da cidade, até aproximadamente os anos de 1960. A pesquisa se apóia em depoimentos orais de algumas ex-professoras e ex-alunas, análise de fichas de matrículas e outros documentos, para contar um pouco da trajetória desses estabelecimentos: a questão da religiosidade, principal motivador para a abertura dos jardins de infância e, conseqüentemente, dados sobre as professoras, sobre os métodos e atividades realizadas com as crianças.

Palavras-chave: Jardins de Infância. Religiosidade. Irmãs salesianas. Luteranos

The history of the first kindergartens in Rio do Sul

Abstract: The purpose of this article is to portray the first kindergartens in Rio do Sul, Santa Catarina, a history that has been untold in the municipality. It also elaborates on the subjacent, yet important question of religion, given that the kindergartens analyzed were related to church schools. The first kindergarten was established in 1938 and was part of the Sacred Heart of Jesus School, under the direction of Salesian nuns. The second kindergarten, Delminda Silveira de Souza, belonged to the Lutheran Evangelical Community and had a very interesting history, which began 10 years after the Catholic school. The analysis runs from the founding of the first kindergarten in 1938 until the 1960's. The research is based on oral statements from former teachers and students, an analysis of registration cards and other documents, and discusses the trajectory of these establishments, the role of religion - the principal motivator for the opening of the kindergartens - as well as data about the teachers, methods and activities conducted with the children.

Key Words: Kindergartens. Religiosity. Salesians. Lutherans

*Professora do Curso de Formação Continuada “Programa de Formação de Professores Alfabetizadores” – UDESC pólo Rio do Sul e professora da Pós-Graduação da FACVEST/Lages. Pedagoga. Mestre em Educação e Cultura – UDESC/UNIDAVI. E-mail isotton@unidavi.edu.br

Introdução

O município de Rio do Sul, situado no Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina, foi preponderantemente colonizado por imigrantes alemães e, em menor escala, por imigrantes italianos. Com o estabelecimento dos alemães na região, houve a necessidade da abertura de escolas que pudessem atender a educação de seus filhos. A primeira escola de que se tem registro, pertenceu à Comunidade Evangélica Luterana, datada do ano de 1908. Somente em 1928, as irmãs salesianas vieram a consolidar a sua escola, atendendo aos apelos da comunidade católica. Em ambos os estabelecimentos, a preocupação em abrir os jardins de infância tornou-se um fator de preocupação somente alguns anos mais tarde, sendo pioneiro, o católico. Este texto procura relatar como esses dois movimentos religiosos – luterano e católico – trataram a questão dos seus jardins de infância e, ao mesmo tempo, trabalhar a história das próprias instituições, principalmente da Escola Evangélica Luterana. Outras questões pertinentes que o texto procura abordar estão ligadas ao processo educacional dentro dos jardins de infância: as atividades realizadas, as professoras, a existência de alguma metodologia adotada no trabalho com as crianças.

O jardim de infância das irmãs salesianas

Um primeiro dado importante, antes de focar a história do jardim de infância católico, é entender como e porquê as irmãs salesianas tiveram espaço na comunidade de Rio do Sul.

A Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora teve sua origem na Itália, no ano de 1872. No Brasil, as três primeiras casas das irmãs salesianas formaram-se no ano de 1892, no estado de São Paulo. Já em Santa Catarina, a primeira casa de irmãs salesianas foi aberta em Ascurra, em 1921, e três anos mais tarde, em Rodeio, sendo breve o período de atuação desses dois núcleos. Em solo catarinense, o motivo pelo qual as irmãs salesianas vieram a se estabelecer estava ligado ao trabalho exercido pelos padres salesianos, cujo objetivo era dar assistência aos imigrantes italianos, que sentiam a falta de um pároco de sua nacionalidade. Os salesianos ficaram incumbidos de manter vivos os princípios da catolicidade e da italianidade, já a parte educacional caberia às irmãs salesianas.

Sendo fechadas as duas casas (Ascurra e Rodeio) no final da década de 1920, as religiosas foram para Rio do Sul, onde fundaram o Colégio Sagrado Coração de Jesus, a primeira casa das salesianas a consolidar-se em território catarinense, no dia 12 de fevereiro de 1928. Segundo Azzi

¹Artigo baseado na dissertação de Mestrado em Educação e Cultura da autora, apresentada a UDESC em 2003, intitulada: Os primeiros jardins de infância e as congregações religiosas em Rio do Sul –1938-1961, sob orientação do professor Dr. Norberto Dallabrida

(1988, p. 241): “Também em Rio do Sul as Filhas de Maria Auxiliadora vieram sob o incentivo direto dos salesianos. Nesse caso específico, aliás, tratava-se de garantir a presença salesiana nessa localidade, ganhando, assim, a concorrência com relação aos frades alemães.”

Bela Aliança, como era chamada a cidade de Rio do Sul, esperava com ansiedade a chegada das Filhas de Maria Auxiliadora desde a fundação da Paróquia São João Batista em 1926 pelos padres salesianos, para que estas atuassem, especificamente, no exercício do magistério. O Colégio Sagrado Coração de Jesus iniciou com 92 alunos no ensino primário com as três primeiras séries, em turmas mistas, numa pequena casa de madeira (que serviria dez anos mais tarde para abrigar o futuro jardim de infância), diferenciando-se dos outros institutos no Brasil cujo trabalho focava apenas a educação feminina. O objetivo principal que marcou o período em que começou o funcionamento do Colégio em 1928 era o de converter ao catolicismo o maior número de pessoas possível que professassem outras religiões, especialmente os protestantes da região, através da educação. A maior parte da clientela era constituída de crianças de descendência alemã e de credo luterano-protestante.

No dia 15 de fevereiro de 1938 iniciava o jardim de infância do Colégio Sagrado Coração de Jesus, com 24 crianças com idades entre 3 e 8 anos matriculadas, sob a regência provisória de Lúcia Correia (nome encontrado num livro de relatório) e da Diretora, a Irmã Mística Federle. Segundo o depoimento da irmã Olga Buzzarello, que chegara a Rio do Sul no mesmo ano, todas as professoras do Colégio eram, necessariamente, irmãs. Lúcia Correia era uma exceção e trabalhou no jardim de infância sob a supervisão e atuação conjunta da irmã Mística, então Diretora.

O motivador principal para o estabelecimento do jardim de infância católico parece estar ligado à religiosidade, para que a criança aprendesse a fé católica e formasse vínculos com a sua religião desde muito cedo e, ao mesmo tempo, arrebanhar as crianças protestantes e suas famílias para dentro do próprio Colégio (e para o catolicismo). Aparentemente, essa seria a explicação mais plausível, numa comunidade onde o número de mães que participavam de trabalhos fora do lar era inexpressivo (raros eram os casos de profissionais mulheres – professoras, ajudantes dos maridos nas suas casas comerciais, costureiras, telefonistas). Em contrapartida, havia um grande número de mães que podiam cuidar em casa de seus filhos e que preferiram enviá-los ao jardim da infância. Segundo a irmã Olga, o trabalho feminino à época se restringia aos cuidados da mulher, mãe e esposa com o lar e a família. Segundo ela, as famílias católicas procuravam dar aos seus filhos uma educação religiosa desde a infância, porque é neste período que a criança recebe certos ensinamentos que perduram pela vida inteira. Essa informação tende a comprovar que, na verdade, a intenção de colocar os filhos no jardim de infância estava ligada a proporcionar uma educação religiosa mais aprimorada. Um outro aspecto interessante, aliado ao da religiosidade, está a

hipótese de que o jardim de infância representava um sinal de modernidade e até de distinção para quem o frequentasse e para as suas famílias, aliado aos discursos psicológicos, médicos, higiênicos que segundo Jane Felipe (2000, p. 104):

[...] exerciam uma influência considerável não apenas nos meios educacionais, mas circulavam na imprensa (revistas, jornais), no cinema e no rádio, popularizando-se rapidamente. Um jargão psicológico ou psicanalítico começou a se difundir, especialmente entre a classe média e alta.

Outros aspectos motivadores revelam-se na idéia de que as mães não se achavam plenamente capazes de educar a criança no sentido de sua organização e asseio e os jardins de infância auxiliariam a veiculação desses aspectos, junto às crianças..

Areco (1998) reforça a informação que era grande a preocupação no Colégio, desde sua fundação, em procurar difundir a idéia do catolicismo nos sermões dos padres nas missas, pregadas ao povo, aos alunos, nas procissões, nas aulas de religião. Essa mesma preocupação fazia parte da igreja protestante-luterana, tanto que, no ano de 1938, o pastor da mesma solicitou a permissão das irmãs para que ele pudesse dar aulas de religião aos alunos protestantes do educandário, dado lembrado pela irmã Olga. Na realidade, cada religião procurava manter vivo seus princípios religiosos, sem abrir mão dos mesmos. A religião, aliás, foi a mola propulsora para que os pais buscassem os colégios confessionais fundamentados dentro de suas crenças. O Colégio Sagrado Coração de Jesus abrigou por muitos anos estudantes protestantes, mas não espontaneamente, e sim devido ao fechamento de suas escolas.

Vasculhando os poucos e raríssimos documentos entre os anos de 1938-1960, foram encontrados alguns dados sobre as professoras do jardim de infância. Neles apareceram vagamente os nomes da irmã Pierina Luciani, que lecionou em 1939, da irmã Adelina Billo, que lecionou em 1955 e entre os anos de 1956-1960, da irmã Yolanda Fronza. Embora hajam poucas referências e informações sobre as professoras do jardim de infância, foi possível constatar que somente irmãs atuavam com as crianças (como já havia informado, em seu depoimento, a irmã Olga), assim como nas demais séries. Isso se deve ao fato de as irmãs representarem a imagem do próprio catolicismo. As irmãs sempre trabalharam com turmas mistas no jardim de infância. Segundo Jane Felipe (2000, p.105), “Talvez se possa pensar o quanto esta ação estaria baseada na representação de que as crianças pequenas eram assexuadas, portanto, poderiam conviver no mesmo espaço sem o menor perigo. A partir de determinada idade, porém, não seria mais permitido turmas mistas.”

Essa representação muito bem colocada por Jane Felipe, se confirma em 1948, com a construção do Colégio Dom Bosco, época em que os meninos do primário foram transferidos para

aquele estabelecimento, o que não afetou em nada as crianças do jardim de infância. No mesmo ano da construção do Colégio Dom Bosco, a Comunidade Evangélica Luterana reiniciava seus trabalhos educacionais com a fundação do Jardim de Infância Delminda Silveira de Souza, já preocupados com a idéia da cidade possuir, naquele momento, dois colégios salesianos, quando os luteranos não tinham tido ainda a oportunidade de se estabelecerem definitivamente. Uma suposição veio à tona: a abertura deste jardim de infância atraiu, até em função das questões religiosas, parte das crianças do jardim infantil das irmãs? Segundo a irmã Olga, esse fato não teve tanta influência como se poderia imaginar, pois o jardim de infância das irmãs salesianas continuou com um número elevado de crianças. Porém, uma coisa é certa: a partir de 1948, muitos luteranos respiraram aliviados por poderem finalmente enviar seus filhos ao jardim de infância evangélico.

Em algumas fichas de alunos analisadas, foi encontrado um aspecto interessante: o jardim de infância fazia parte de um processo escolarizante, com a preocupação no aprendizado de letras e números, de promoção e classificação para a primeira série. As crianças eram classificadas como forte ou fraca e havia repetência.

As atividades realizadas com as crianças, em geral, eram compostas de passeios, cantos, histórias bíblicas, histórias com lição moralizante, histórias com lição de vida, contato com a natureza, atividades de linguagem (através das histórias, dos versos, poesias), uso de jogos (com rimas), trabalhos artísticos com desenhos utilizando giz, tintas e as atividades manuais, como confecção de tapetes de lã e bordados (com agulha). As aulas de religião eram trabalhadas no jardim de infância com as histórias de Jesus e histórias da Bíblia. A religião fazia parte do cotidiano das crianças. Rezar era um ritual que antecipava ou finalizava qualquer rotina do dia. A ex-aluna Berenice Bittencourt lembra que rezavam no início e final das aulas, quando saíam e voltavam do lanche, quando começavam uma atividade – havia sempre a oração. Essa informação comprova o quanto a questão da religiosidade era importante e desde pequenas as crianças precisavam ter e manter esse contato.

É importante ressaltar que os passeios eram uma prática estendida às demais séries. Com frequência, os alunos saíam do Colégio a fim de visitar locais bonitos, onde faziam jogos, brincavam e comiam seus lanches. Por vezes, exploravam as florestas mais densas. Chegavam a se deslocar para as cidades vizinhas de trem ou de ônibus conseguidos com a prefeitura. Eram nesses passeios que as Filhas de Maria Auxiliadora (informalmente) também educavam seus alunos.

Em relação a uma metodologia específica para o ensino e aprendizagem das crianças, irmã Yolanda, que trabalhou nos anos de 1950 no jardim de infância, informa que não havia métodos nem tampouco um planejamento de atividades. Ela, por exemplo, anotava em um caderno o que

iria fazer no dia seguinte, mas não seguia nenhum plano estabelecido pelo Colégio. Talvez alguma coisa por parte do Governo, que enviava os decretos e circulares (nos arquivos, foram encontrados somente relativos ao ensino primário). No mais, fazia-se como quisesse, desde que ocupasse os alunos.

Poucos documentos foram encontrados para um maior aprofundamento da própria história do jardim de infância salesiano em Rio do Sul. Porém, este se consolidou desde a sua fundação em 1938, acompanhando, assim, a trajetória do Colégio (hoje, Instituto Maria Auxiliadora), sem maiores dificuldades. A religião, a disciplina, a formação moral, o amor à Pátria, a ênfase nos trabalhos artísticos marcaram o período do jardim de infância analisado neste trabalho entre 1938-1960, atendendo aos ideais de nacionalidade impostos no Brasil e, principalmente, a busca incansável de clientela para a religião católica. No intervalo desse período, uma escola também confessional, porém luterana, buscava abrir espaço para que pudesse atender aos anseios dos integrantes da Comunidade Evangélica. Esse espaço foi oportunizado a partir da abertura do jardim de infância evangélico luterano, denominado Delminda Silveira de Souza.

O jardim de infância luterano

O jardim de infância luterano em Rio do Sul possui uma peculiaridade interessante, em relação ao católico, já existente na época da sua abertura. Após um longo período, a Escola Evangélica Luterana da cidade, existente desde 1908, sofreu com os ideais de nacionalismo vigentes no país, tendo suas portas fechadas, assim como aconteceu em outros municípios. Diversas vezes esse estabelecimento procurou retornar às atividades, sem muito sucesso. Em 1948, o jardim de infância luterano, ainda em clima de desconfiança pós-guerra, representava mais uma tentativa de oferecer um espaço voltado aos filhos dos imigrantes alemães. Ele não só ofereceu esse espaço, como foi o ponto de partida e consolidação de toda a Escola Evangélica Luterana, dois anos mais tarde (hoje Colégio Sinodal Ruy Barbosa).

Como já foi citado, a Comunidade Evangélica de Rio do Sul foi criada em 1908 pelo Pastor Gerold Hobus, com mais ou menos 40 famílias de colonos luteranos, segundo informa o Pastor Hermann Stoer (1965) e juntamente com ela, a primeira escola-capela, local que servia ao mesmo tempo como igreja nos dias de culto e nos demais, como escola. Não há registros sobre a faixa etária das crianças que freqüentavam essa escola, mas a probabilidade é que tivessem sete anos ou mais. Antes de 1908, na colônia de Braço do Sul, ou Südarm, como os colonos alemães a chamavam, uma escola particular funcionava apenas na residência de Rudolf Odebrecht. Como

aumentava em muito o número de alunos, a construção de uma escola-capela tornou-se necessária – uma casa bastante simples, de madeira e coberta com folhas de palmito.

O professor da escola chamava-se Francisco Koberstein (embora haja controvérsia em relação ao Pastor Hobs ter sido o primeiro). Fiori (1991), explicita que, para os descendentes de estrangeiros – como no caso de “Südarm”, foi se desenvolvendo um sistema de escolas onde se tornou visível a distinção de núcleos urbanos mantidos por sociedades escolares, as pertencentes a congregações religiosas e as escolas coloniais ou comunitárias (típicas das regiões rurais e de baixa densidade demográfica). Essas escolas enquadravam-se como estrangeiras, em que uma ou mais disciplinas eram ensinadas na língua estrangeira, mesmo que o professor fosse de nacionalidade brasileira. E é aí que começam os problemas da Escola Luterana em Rio do Sul.

Essa escola (assim como outras na mesma situação), sofreu muitos percalços em função do nacionalismo², que passou a vigorar em 1917, quando o Brasil se tornou inimigo do Império Germânico. A preocupação em manter o sentimento de brasilidade passou a assombrar os imigrantes. No caso de Rio do Sul, que era uma área de colonização, onde os filhos de imigrantes tinham suas aulas ministradas no seu idioma de origem – alemão/italiano – desestimulava-se o sentimento patriótico nacionalista. Isso ocasionou o fechamento das escolas estrangeiras, ineficazes no ensino do português. Foram fechadas todas as escolas particulares que eram mantidas pelos colonos e única fonte de instrução para os seus filhos, escolas essas onde se ministravam aulas de religião e que preparavam os confirmandos. O mesmo aconteceu com as igrejas evangélicas luteranas. Em 1917, foi fechada a escola particular de Bela Aliança que estava sob a administração do professor Conrad Stoll. A solução foi abrir a primeira escola pública, seu primeiro professor foi o próprio Conrad Stoll e funcionava num prédio construído por ele, para sua moradia. Essa escola atendeu os filhos dos imigrantes alemães atingidos pelo fechamento de suas escolas em razão das leis e projetos nacionalizadores e que proibiam a metodologia utilizada pelas escolas alemãs, seus currículos, materiais pedagógicos e professores que falassem a língua alemã. A escola pertencia ao município de Blumenau, quando Paulo Zimmermann era superintendente (prefeito).

Essa escola pública passou para a condição de Grupo Escolar Paulo Zimmermann em 19 de janeiro de 1927, sob a direção de George Schultz. O grupo funcionava numa construção feita por imigrantes alemães em estilo enxaimel com diversas salas, onde hoje se encontra o Colégio

² É importante ressaltar que, desde a posse em Santa Catarina, no início de 1910, do Governador Vidal Ramos, que trouxe o inspetor Orestes Guimarães de São Paulo para que reformulasse a educação catarinense, uma política nacionalista já vinha se articulando de maneira lenta, visando a integração dos imigrantes à cultura, aos costumes brasileiros. (FIORI, 1991).

Sinodal Ruy Barbosa. Através de registros mais antigos, nada foi encontrado em relação à existência de um jardim de infância à época. O pré-escolar no grupo escolar foi autorizado apenas em 28 de junho de 1985 pelo registro nº 2509, o que vem comprovar a sua inexistência neste estabelecimento, apesar de ter sido a primeira escola pública de Rio do Sul.

Somente em 1930 é que uma escola particular alemã voltou a funcionar, sendo fechada logo em seguida. Nessa década, os governantes se depararam com uma escola alemã muito estruturada, apesar de todas as dificuldades que enfrentaram, pela falta de professores, pela escassez de material e pela falta de recursos financeiros. A escola era controlada por imigrantes alemães, que procuravam conservar as tradições e os costumes da pátria de origem, aplicando-os no meio escolar. Todo o integrante da Comunidade Evangélica Luterana, mesmo sem ter filhos na escola, contribuía financeiramente para a sua manutenção. Não havia apoio do estado. Essas escolas recebiam uma subvenção que a Alemanha enviava, como no caso da Escola Luterana em Rio do Sul.

Cinco anos mais tarde, entrou novamente em atividade uma escola particular alemã, sob a direção do professor Kurt Nietzsche e mantida pela Sociedade Escolar independente da Comunidade da Igreja. Paralelamente a essa escola, funcionou um jardim de infância³, e ambos tiveram uma rápida atuação, sendo fechados um ano após sua abertura, por causa das medidas nacionalizadoras no país, segundo Mara Zluhan (2003).

Essas medidas tornaram-se mais agressivas e rigorosas após a imposição do Estado Novo por Getúlio Vargas. No ano de 1938 foram fechadas 138 escolas particulares em Santa Catarina e o Governo, sob a égide da nacionalização, tinha como objetivo o fechamento das escolas fundadas pelas comunidades evangélicas, assim como a proibição da língua alemã, destruindo ou proibindo o uso de livros e materiais da cultura teuta, pois as escolas alemãs representavam perigo para o Brasil. Na Segunda Guerra Mundial, os problemas com os imigrantes alemães e seus descendentes gerou uma onda de repressões aos mesmos através de bibliotecas queimadas, das prisões e dos confinamentos. Zluhan (2003, p. 25) menciona o fato que: “Dizer que era evangélico era o mesmo que dizer que era alemão, logo era nazista”.

Após o Estado Novo, mais precisamente no ano de 1947, as Comunidades Evangélicas tomaram ânimo para reiniciar novamente os serviços religiosos, após um longo período de restrições e problemas em função dos movimentos nacionalizadores. No ano seguinte, segundo

³ Houve no ano de 1935, segundo a crônica do Pastor Stoer, a abertura de um Jardim de Infância Evangélico em Rio do Sul, mantido pela Associação das Senhoras Evangélicas. A professora chamava-se Edith Meyer. Em entrevista concedida por Juscelina Schroeder, integrante da Comunidade, veio a confirmação de que essa escola realmente

dados encontrados no livro do Pastor Stoer, um novo maternal, denominado de Jardim de Infância Delminda Silveira de Souza passou novamente a funcionar dentro da Comunidade Evangélica. Esta, através do deputado federal e presidente do jardim de infância Félix Odebrecht, conseguiu licença para a abertura de um jardim infantil evangélico, que passou a funcionar em 11 de fevereiro de 1948, reunindo, pela primeira vez depois da guerra, um grupo de crianças. Provisoriamente, o jardim de infância foi instalado numa sala da Maternidade, que durante a Segunda Guerra Mundial foi alugada como residência. Como a Maternidade precisou usar novamente esta sala, foi construída uma pequena casa de madeira para servir ao jardim de infância, ao lado da escola-capela.

O jardim de infância surgia como um primeiro passo em direção à necessidade de reestruturação da Escola Evangélica, cheia de altos e baixos desde sua fundação, quatro décadas antes. Contudo, segundo informa Mara Zluhan, o motivador principal estava ligado ao fato de que no mesmo ano houvera a fundação de mais um colégio salesiano, o Dom Bosco. Isso representava um risco para a comunidade evangélica, pois outras religiões acabariam por ocupar o espaço deixado na área educacional pela mesma.

Após dois anos de existência do Jardim de Infância Delminda Silveira de Souza, a Comunidade Evangélica começou a sentir que estava se afirmando sem maiores problemas e passado o clima de desconfiança pós-guerra, veio a necessidade de reestruturar também sua escola primária. Em 1950, houve a fundação da Escola Evangélica de Rio do Sul, efetivada em 1951 e denominada Escola Ruy Barbosa. O jardim de infância continuava a funcionar na casa de madeira ao lado da antiga escola-capela e esta passava a abrigar os alunos do curso primário.

Em Ata do Conselho Escolar da Comunidade Evangélica de 1950, encontrou-se o nome da primeira professora do jardim de infância, Dagmar Schroeder. Em depoimento por ela concedido, cerca de 30 crianças freqüentavam o jardim de infância, com idades entre 1 e 7 anos, certamente uma grande variedade etária. A maioria dessas crianças fazia parte da Comunidade Evangélica, porém havia também crianças católicas. Partindo desta informação, é importante ter claro que o luteranismo não era e não é fator de germanidade. Muitos alemães eram católicos, enquanto outros eram luteranos. Muitos dos descendentes alemães cultivavam a língua de origem, mas eram católicos. Maria Probst, mãe do ex-aluno Humberto Probst, que fazia parte do jardim de infância das irmãs salesianas nos anos de 1950, exemplifica:

“O meu filho não foi para o evangélico, porque a gente era católico. Havia uma divisão muito forte da religião. Cada um colocava no jardim da sua crença.”

existiu, pois sua filha mais velha fora sua aluna. Não foi encontrado nenhum documento ou registro na Comunidade Evangélica, mas essa referência sugere que este tenha sido o primeiro estabelecimento de educação infantil na cidade.

Esse depoimento demonstra que o fator religião, era o motivador de peso na escolha do jardim de infância de sua preferência e, nem tanto, a questão étnica. Com o jardim de infância católico e o luterano, já era possível fazer essa escolha.

A preocupação do Pastor Stoer em manter os traços religiosos dentro do Colégio Evangélico era um dos pontos mais importantes. Tão forte era essa influência religiosa que, no ano de 1953, o Pastor e o Conselho Diretor da escola selecionavam os professores de confissão evangélica luterana, com a finalidade de formar os alunos dentro desta concepção, continuando, assim, os princípios religiosos da Comunidade Evangélica. Todas as professoras deveriam ser, obrigatoriamente, evangélicas. Era também o Pastor Stoer quem assumia todo o trabalho de orientação pedagógica com os professores(as).

No depoimento de Dagmar (e comprovando o que foi colocado acima), ela informa que, no ano seguinte à instalação do jardim de infância, Hildegard Stoer trabalhou com as crianças por três anos, como sua substituta, e era filha do Pastor Stoer. Em 1953, a professora Lore Odebrecht (também luterana) passou a trabalhar com o Jardim de Infância e permaneceu por três anos com os pequenos.

Além da questão religiosa que exigia dos professores(as) a sua origem luterana, o nacionalismo fazia parte do cotidiano escolar, começando pelo jardim de infância. As inspeções escolares eram minuciosas atentando para o modo como as crianças falavam, se sabiam canções populares brasileiras e versos demonstrando amor patriótico pelo Brasil. Essa questão fica bem explícita nas datas comemorativas, pois, uma das únicas a ser festejada era o 7 de setembro ou festas de encerramento (dados encontrados nos relatórios anuais e que mencionam a participação do jardim de infância). Inclusive, segundo informa Mara Zluhan (2003, p. 72), os desfiles de 7 de Setembro eram o coroamento de toda a civilidade sempre tão valorizada no cotidiano escolar, “[...] sendo abrilhantados por carros alegóricos, pelotões temáticos, fanfarras, grupos de pais, entre outros, constituindo-se assim em um evento de grande importância para toda a comunidade”. É importante salientar mais uma vez que, nas festas referentes aos dias comemorativos ou de final de ano, como nas festas de encerramento e formaturas, mesmo nas do jardim de infância, o ideário da nacionalização devia sempre estar presente, de alguma forma.

Outras informações pertinentes ao jardim de infância obtidas através dos depoimentos de Dagmar e Hildegard, estão relacionadas às idades das crianças que variavam entre 4 a 6 anos, elas permaneciam no jardim de infância por um ou dois anos, não eram separadas por faixa etária e as turmas eram mistas. O jardim de infância luterano admitia ambos os sexos, assim como a escola primária, o que a torna diferente dos dois colégios salesianos, que durante anos separaram o gênero masculino do feminino, ficando as turmas mistas apenas no jardim de infância. Esse

caráter misto de internato, escola e jardim de infância que diferenciava a Escola Ruy Barbosa dos outros dois colégios confessionais de Rio do Sul, seguia o exemplo das escolas norte-americanas protestantes que estavam, segundo Zluhan, se instalando no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre e que admitiam a educação de ambos os sexos, assim como também o fazia a rede pública.

Segundo, ainda, as informações das ex-professoras do jardim de infância, elas trabalhavam sozinhas até meados dos anos de 1950, o que devia ser uma tarefa exaustiva. Além desse fato, havia a ausência de metodologia, de planejamento das atividades e a falta de materiais para o desenvolvimento dos trabalhos. Nos primeiros dias em que o Jardim de Infância Delminda Silveira de Souza passou a funcionar, no ano de 1948, por exemplo, não havia qualquer tipo de brinquedo. Segundo Jane Felipe (2000, p. 90): “Os brinquedos representaram um diferencial importante nas atividades do Jardim de Infância, podendo ser considerados a grande marca e novidade da educação moderna, o divisor de águas em relação às outras etapas de ensino e escolarização”.

Analisando o jardim de infância luterano entre 1948-1960, foram encontrados alguns períodos escolarizantes, onde predominava a preocupação com o aprendizado de números e letras e outros, com características mais voltadas para a recreação, como nos anos em que a professora Lore esteve à frente do jardim de infância, segundo a informação de uma ex-professora da primeira série – Helga Kretzschmar – que acompanhou um pouco da trajetória do jardim de infância daquele período. Já no ano de 1957, o jardim de infância luterano, sob a regência da então professora Erica Porath, entrou novamente numa fase em que trabalhar as letras parecia relevante. Segundo depoimento da sua auxiliar na época, Aneliese Ohf, Erica era uma professora eficiente, porém bastante exigente quanto à disciplina das crianças e ao ensino de letras e números. Já a ex-professora Dagmar, segundo ela própria, propunha o aprendizado de letras e números com as crianças maiores, mas, ao mesmo tempo, atendia crianças muito pequenas, que freqüentavam o jardim de infância como espaço recreativo e que, quando cansavam, iam embora. Esse quadro permite criar uma idéia daquele jardim de infância funcionando como uma espécie de creche, não fosse pelas características escolarizantes. Na verdade, nesse primeiro momento, não havia um discernimento sobre o funcionamento de um jardim de infância, muito menos um método específico. O que se ensinava era o que a própria professora lembrava dos seus tempos de escola. Era um espaço livre, ao mesmo tempo escolarizante e, ainda, lugar de ir e vir sem um horário muito definido.

No período analisado, na cidade de Rio do Sul, ainda eram poucas as profissões que exigiam da mulher um trabalho fora do lar. O que, então, motivava a ida das crianças ao jardim de infância luterano? Essa foi uma questão lançada à ex-professora Hildegard Stoer, que, dentro de

sua visão, colocou que não era o trabalho fora do lar que motivava as mães a enviarem as crianças ao jardim de infância:

“O jardim era para a própria criança ter alguém para brincar, para não ficar o tempo todo em casa. Aprender letras, números, mas não era obrigado a ler. Era mais para a criança se ambientar com os outros. Por causa de trabalho, não era”.

Já a mãe da ex-aluna Marilyn Probst, que frequentou o jardim de infância na década de 1950, Helga Probst informa:

“Não era por causa de trabalho. Porque éramos protestantes, ali seria o melhor lugar para a criança conviver”.

A visão da professora empresta um tom mais socializador ao jardim de infância, já a visão de uma mãe da época, confirma a preocupação e a necessidade do jardim de infância promover a questão da religiosidade e de se manter vivo dentro dela. A religião era um fator preponderante. Junto a isso, os meios de comunicação, jornais, rádios e revistas começavam, também, a valorizar o desenvolvimento psicológico, cognitivo e social da criança pequena, o que pode ter gerado uma pequena influência. Talvez houvesse, também, o fato de algumas mães se julgarem inaptas a propiciarem aos seus filhos uma educação moral e religiosa e procurassem no jardim de infância o espaço apropriado.

Outras informações foram obtidas através de depoimentos, como a questão das atividades realizadas dentro do jardim de infância. Um elemento bastante utilizado eram os cânticos. Em geral, eram os mesmos da Igreja Evangélica e do Culto Infantil. Muitas das músicas eram traduzidas do alemão para todos poderem cantar. A presença das músicas, utilizadas no Culto Infantil e na própria igreja – que eram, e são ainda, muito utilizadas nas aulas de canto do Colégio Ruy Barbosa, deixa clara a necessidade de manter vivos os princípios religiosos que norteiam os descendentes dos alemães adeptos ao luteranismo. As músicas também acompanhavam de forma propedêutica alguns momentos, como a hora da entrada, do lanche ou saída do jardim de infância. As histórias infantis também eram um grande atrativo para as crianças. Utilizava-se, também, a leitura de histórias da Bíblia e histórias sobre Jesus.

Os passeios, recurso das irmãs salesianas para uma educação informal, também eram largamente utilizados neste jardim de infância. Os passeios tinham a finalidade de observação dos elementos que rodeavam a criança e que pudessem, posteriormente, serem explorados em sala de aula, ou simplesmente como fonte de distração.

Hildegard Stoer informa que o jardim de infância não seguia uma metodologia de ensino definida. Os materiais utilizados, como brinquedos de montar, eram insuficientes:

“A gente, naquele tempo, não tinha nada como hoje... O que a gente fazia estava bom.

Havia carrinhos e bonecas para que as crianças pudessem se entreter, em dias de frio ou chuva.”

A fala da ex-professora Hildegard vem confirmar que não havia método específico trabalhado com as crianças do jardim de infância evangélico, nem um planejamento especial programado. Assim, entende-se que as professoras do jardim de infância repassavam o que tinham aprendido nos seus tempos de colégio e isso, por si só, bastava.

Nos primeiros anos de implantação do jardim de infância, não havia uma infra-estrutura adequada para receber as crianças. Com a mudança de endereço da Escola Ruy Barbosa, em 1956, o jardim de infância passou a funcionar em um novo local, permitindo melhoras no atendimento à criança pequena. É interessante observar que os luteranos, mesmo sem uma infra-estrutura adequada em 1948, resolveram abrir um jardim de infância rústico, não planejado, confirmando a preocupação em atrair as famílias evangélicas que, por falta de opção, buscavam colocar seus filhos num jardim de infância católico. Isso representava uma perda, pois de lá, saíam com uma ponta de catolicismo.

Considerações finais

Os fatores religiosos foram preponderantes no surgimento de ambos os jardins de infância analisados e tinham como objetivo propagar a religiosidade o mais cedo possível – com as crianças pequenas, desde a mais tenra idade.

Os dois jardins de infância possuem semelhanças interessantes entre si, como o caso de serem confessionais e particulares, o fato de trabalharem com as crianças somente mulheres: apenas irmãs salesianas no jardim de infância católico e no luterano, mulheres pertencentes a Comunidade Evangélica. Outras analogias se encontram no fato de atuarem com crianças de 4-6 anos, sem divisão por idade e com turmas mistas e se caracterizarem pela ausência de uma metodologia específica, com um ensino baseado nas lembranças de escola de suas professoras, assim como ausência de planejamento das atividades e falta de materiais. Existiam, também, muitas semelhanças nas atividades como o uso da música, da religiosidade, dos trabalhos manuais e artísticos, da linguagem nas suas diferentes formas (versos, rimas, histórias) e o caráter escolarizante, com aprendizado de números e letras, preparatório para as séries seguintes.

Os percalços sofridos pela Escola Evangélica, em razão dos movimentos nacionalistas, ocasionaram seu fechamento e tentativas de reabertura por diversas vezes. A Igreja Católica ganhou com isso, pois teve a oportunidade de expandir em Santa Catarina a sua rede de ensino através dos salesianos(as). Em Rio do Sul, o Colégio Sagrado Coração de Jesus conseguiu em

1938, abrir o seu jardim de infância, saindo na frente dos luteranos, que não se deixaram desanimar perante os muitos obstáculos, instituindo, finalmente, dez anos mais tarde, o seu jardim de infância para não mais fechá-lo. Durante muitos anos, estes dois jardins de infância foram os únicos estabelecimentos de educação infantil na cidade.

Referências

ARECO, Neide. *Instituto Maria Auxiliadora – 1928-1998: 70 anos no coração de Rio do Sul*. Rio do Sul: Imprensa Continental, 1998.

AZZI, Riolando. *A Obra de Dom Bosco em Santa Catarina: a atuação salesiana em prol dos imigrantes - 1916-1941*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco. 1988. v.1.

BITTENCOURT, Berenice. Depoimento oral concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 14 ago. 2003.

BUZZARELLO, Irmã Olga. Depoimento oral concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 15 abr. 2003.

FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da Evolução do Ensino Público*. 2. ed. Florianópolis: Conselho Editorial da UFSC, 1991.

FRONZA, Irmã Yolanda. Depoimento oral concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 15 abr. 2003.

GRIM, Hildegar Stoer. Depoimento oral concedido a Andréa Isotton. Agrolândia. 26 fev. 2003 e 09 ago. 2003.

KRETZSCHMAR, Helga. Entrevista concedida a Andréa Isotton. Rio do Sul, 11 mar. 2003.

LEYENDECKER, Dagmar. Depoimento concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 18 out. 2002.

OHF, Aneliese. Entrevista concedida a Andréa Isotton. Rio do Sul, 11 mar. 2003.

PROBST, Helga. Depoimento concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 31 jul. 2003.

PROBST, Maria. Depoimento concedido a Andréa Isotton. Rio do Sul. 27 jul. 2003.

SOUZA, Jane Felipe. *Governando mulheres e crianças: Jardins de Infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX*. 2000. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2000.

STOER, Hermann. *Crônica da Paróquia Evangélica de Rio do Sul: 1908-1958*. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1965.

ZLUHAN, Mara Regina. *Tantas histórias em uma caixa de papelão: A construção escolar da Igreja Evangélica Luterana no Alto Vale do Itajaí*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2003.

Endereço:
Rua dos Caçadores, 130
Laranjeiras
89160-000 – Rio do Sul – SC

Recebido: 03/2004
Aprovado: 09/2004